

FATIMA VALERIA BELO DE SOUZA

POR QUE AS CRIANÇAS GOSTAM DA ESCOLA?

Universidade do Rio de Janeiro — UNI RIO

Centro de Ciências Humanas

Escola de Educação

Departamento de Didática

Disciplina: Monografia II

Reitor: Prof. Hans Jurgen Fernando Dohmann

Vice-Reitora: Profª Regina Maria Lugarinho da Fonseca

Decana: Profª Maria Tereza Fontoura

Diretora: Profª Janete de Oliveira Elias

Professora responsável pela disciplina: Gilda Maria Grumbach

Professora Orientadora: Janete de Oliveira Elias

SOUZA, Fatima Valeria Belo de.

Rio de Janeiro: UNI - RIO, 1997,
33p.; A4.

Monografia apresentada em cumprimento à exigência da UNI RIO, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

1. Porque as crianças gostam da escola? I. Título.

Dedicatória

*A minha mãe pela compreensão, dedicação,
paciência e amor durante todos esses anos.
E ao Luciano, pastor de esperança...*

Universidade do Rio de Janeiro — UNI RIO
Centro de Ciências Humanas
Escola de Educação

POR QUE AS CRIANÇAS GOSTAM DA ESCOLA?

FATIMA VALERIA BELO DE SOUZA

Monografia apresentada em cumprimento à exigência da UNI RIO, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Rio de Janeiro
UNI-RIO
1997

Agradecimentos

A DEUS por ter me dado força, ânimo e saúde para chegar ao final deste curso. Agradeço também a professora JANETE, que se empenhou durante o decorrer do curso para formar educadores competentes e dinâmicos.

*É melhor tentar e falhar
que preocupar-se e ver a vida passar.
É melhor tentar, ainda em vão,
que sentar-se fazendo nada até o final.
Eu prefiro na chuva caminhar,
que em dias tristes em casa me esconder.
Prefiro ser feliz, embora louco,
que em conformidade viver..*

Martin Luther King

SUMÁRIO

	<i>pág</i>
APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	04
Capítulo I — DO QUE AS CRIANÇAS GOSTAM NA ESCOLA ?.....	06
I.1 — A Escola e o saber.....	09
I.2 — Por que as crianças vão para a escola?.....	11
Capítulo II — A ESCOLA E O TRABALHO.....	14
Capítulo III — UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA ESCOLAR.....	18
• Raciocínio e Pensamento.....	20
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	25

APRESENTAÇÃO

A referência básica deste trabalho concentra-se na Escola Pública de 1º grau do Município de Duque de Caxias, onde, de acordo com estatísticas, 50% das crianças matriculadas do Ciclo de Alfabetização, que compreende do CA à 2ª série, são as que ficam retidas no terceiro ano do Ciclo, seja por reprovação ou evasão.

À medida que estas linhas foram sendo escritas, recordei-me das inúmeras discussões realizadas durante as aulas nas disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento, Problemas da Aprendizagem Infantil,... com meus colegas de classe. Assim como nas Reuniões Pedagógicas e Conselhos de Classe, ou mesmo no bate-papo informal com minhas colegas de magistério, já que leciono no ensino fundamental do já referido município.

Gostaria que este trabalho fosse uma continuação de tantas conversas interrompidas ou apenas esboçadas...

A intenção deste trabalho é discutir a vivência dos alunos que se encontram na 2ª série do já referido ciclo, levantando aspectos que constituem o cotidiano da vida escolar: colegas de turma, professores, prédio escolar, trechos

de discurso de alunos, pais e professores pelos quais determinadas questões devem ser repensadas.

Tendo como ponto de partida minha própria experiência, assim como de vários colegas, objetivando possibilitar aos professores e direção a criação e/ou manutenção de uma escola da qual as crianças gostem, sintam prazer.

O trabalho desenvolvido partiu de uma abordagem interdisciplinar, conjugando questões sociológicas, pedagógicas e psicológicas, de acordo com o modelo tradicional de pesquisa participativa.

Afinal, que motivos têm levado essas crianças a se desinteressarem pelos estudos, pela escola?

Apesar desta ser uma preocupação de muitos educadores, teóricos da educação, todos sentem-se isentos de responsabilidade, já que: "*o problema é social, nada podemos fazer*". Este é o discurso corrente entre aqueles que trabalham dia-a-dia com as classes de alfabetização,

"Afinal de contas, conseguimos alfabetizar tantas crianças! Se outras tantas não conseguem, é um problema individual, familiar, econômico, etc... que não podem ser resolvidos por nós".

Neste sentido, com base nos conhecimentos e reflexões desenvolvidos neste período na Universidade, e por tanto tempo conviver nesta realidade, a autora deste trabalho reconhece uma visão nova acerca do problema o que contribui para o entendimento, que apesar de reconhecidamente a repetência e evasão terem suas origens em contextos sociais, há um espaço que se preenchido pelo professor em sala de aula pode favorecer, e muito, a

obtenção de estratégias para a permanência e melhores resultados das crianças na escola.

INTRODUÇÃO

A maioria das crianças, quando perguntadas, afirmam que querem ir para a escola, querem aprender a ler e a escrever. Mas por que muitas vezes elas perdem essa vontade depois de algum tempo na escola?

Por que muitas crianças se decepcionam e acabam evadindo? Por estarem cansados dela? Por não gostarem dela?

Observando as estatísticas percebemos que os altos índices de desistência não se encontram somente nas séries iniciais, onde supostamente há mais dificuldades. Mas no 2º segmento do Ensino Fundamental os índices continuam grandes e crescentes. Nota-se até mesmo uma certa satisfação por parte de professores que comentam: " — *Este não tinha jeito mesmo*".

E assim, continuamos a encontrar crianças que deixam a escola, vagando por suas imediações.

A evasão é mais salientada nas classes economicamente desfavorecidas, os mais carentes, onde os pais não preparam e condicionam a entrada de seus filhos na escola, onde os adolescentes se emancipam muito mais cedo da autoridade e do aconselhamento familiar ^[1]. Mas, observa-se que o não gostar da escola, o se sentir intimidado por ela, e o ter vontade de abandoná-la é comum à maioria das crianças e adolescentes de todas as classes.

De que as crianças não gostam na escola? O que revela este não gostar? Qual a relação que a nossa escola vem mantendo com a vida, com o trabalho, com a participação social?

A grande maioria dos alunos são contra a exigência diária, os uniformes completos dos quais nem os sapatos escapam. Eles acham absurda a rigidez dos horários, detestam "formar", ficar sentados muito tempo, e como se não bastasse ter ainda que fazer os deveres mesmo estando em casa.

CAPÍTULO I

DO QUE AS CRIANÇAS GOSTAM NA ESCOLA?

Eles respondem: “— *Do recreio!!!*”

Nota-se também a vontade que tem de vir com um sapato diferente, abrir as blusas do uniforme e mostrar uma camiseta colorida, colar uma figurinha no caderno que as professoras insistem em encapá-los todos da mesma cor, ou, senão, dar uma escapadinha da fila.

O que querem nos dizer os alunos quando rejeitam algumas normas que parecem secundárias na vida escolar e que se resolveriam de maneira simples?

As respostas nos parece também bastante simples: eles não querem aceitar a uniformidade das roupas, dos horários, das filas, rotinas, etc...

Elas reivindicam seu direito à singularidade no sentido abordado por Guattari:

“O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um dever diferencial que recusa a subjetivação capitalística. Isso se sente por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade simplesmente de viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade”.

Guattari, p.47 ^[2]

Sobre a tendência uniformizante da escola como produto da sociedade industrial, fala-se muito, mas pouco ou nada mudou a prática. As crianças, porém, continuam resistindo.

Qualquer instituição tem suas normas que devem ser seguidas por todos, muitos professores atribuem a essas normas um "valor educativo".

"As normas que a escola adota são boas porque educam as crianças à pontualidade, a reprimir suas vontades (instintos) em benefício da vida em comum, aprendem, afinal a obedecer".

Uns absolutizam o valor do "obedecer", outros não querem se perguntar sobre os conteúdos veiculados pelas normas, sejam elas quais forem; ambos não se interessam por se perguntar de onde surgem nem como surgem as normas de uma instituição.

"Referimo-nos ao fato, mais importante, de que a instituição, uma vez estabelecida, parece autonomizar-se; que ela possui sua inércia e sua lógica própria, ultrapassa, em sua sobrevivência e nos seus efeitos, sua função, suas finalidades e suas razões de ser".

(Castoriadis, p. 133) ^[3]

É verdade que sem regras não há vida social e as crianças em idade escolar já vivenciam esse fato. Aliás, possuem dele uma experiência bem variada; há as regras de convivência que elas vivem em suas casas e com seus vizinhos, há as que a sociedade estabelece nas ruas, nas lojas ou locais públicos de modo geral.

Dizem que a escola é feita em função das crianças; é o prolongamento da família. Hoje até ficou na moda dizer aos alunos: "A escola é sua!"

Mas, na verdade, ela se apresenta para as crianças como o lugar inverso ao de seus jogos, onde elas próprias ditam suas leis; a escola se constitui num local de heteronomia tanto quanto um supermercado, uma delegacia, uma fábrica, mudando-se apenas as funções.

Acompanhando mais de perto o comportamento das crianças no dia-a-dia escolar, percebe-se que não são as mesmas normas que elas rejeitam.

De fato, as recusas dirigem-se muito mais para a atitude acrítica e para a repetição não crítica que delas é exigida perante essas normas.

O que está sendo levantado não se reporta tanto à atitude repressiva, nem ao jogo de poder na instituição escolar, deseja-se é levantar a questão e apontar para o comportamento dos adultos frente às instituições.

Para os simpatizantes da "obediência", não há porque se dar ao trabalho de pensar, uma vez que pensar já é coisa feita.

Para os pragmáticos funcionalistas, a necessidade de pensar não vai além da produção dos pensamentos que sejam suficientes para justificar as normas. Moldam-se às regras estabelecidas.

Para viver o dia-a-dia parece mais fácil não pensar o que já está pensado, ou então parece mais cômodo não se questionar sobre os funcionamentos dados e não querer nada além do que permite uma ordem preestabelecida.

Como afirma CHAUÍ em seu livro "O que é ser educador hoje":

"... o que me é dado sob a aparência de saber não é sequer o próprio saber, mas sua caricatura banalizada e vulgarizada..."
(p.59)^{15j}

Para inúmeras pessoas descortinar o real, perceber que os próprios homens são os agentes das formações e por isso mesmo podem fazer transformações, parece uma conquista impossível. Modificar, a partir de um projeto que seja fruto do pensamento e da vontade coletiva e construído sobre a reflexão e desejo de todos.

As crianças vivem na escola a impossibilidade de escolher, duvidar, inventar. Outros já decidiram por eles o que devem vestir, a sala onde ficarão, a professora e os colegas com os quais terão que conviver, como ou com o que ocuparão seu tempo.

Qual é o espaço onde as crianças poderão exercitar o seu pensamento, o seu desejo e a sua imaginação?

I.1. A Escola e o Saber

O saber tem sua história e cada criança também tem.

A escola é encarregada de introduzir nossas crianças na palavra escrita e lida.

Desde cedo, as crianças adquirem uma certa familiaridade com símbolos escritos: cartazes, *out-doors*, televisão; e muito antes de conhecerem as

letras do alfabeto elas acabam reconhecendo logotipos como: Coca-Cola, Nescau, Bombril, Mesbla, etc...

Nas classes menos favorecidas as exigências familiares são menores, em relação às camadas mais privilegiadas, já que as crianças oriundas desta camada social vivem em função da escola até mesmo antes de participarem dela, enquanto que os alunos oriundos das classes desfavorecidas desempenham várias tarefas paralelas à escola, seja junto à própria família, seja junto aos vizinhos.

Quando as crianças entram dentro do prédio escolar, parece que o mundo ficou lá fora, pois qualquer outro assunto que não esteja relacionado ao que está sendo desenvolvido pela professora, fica sem resposta, seus interesses, expectativas e curiosidades ficam lá fora e não pode haver distrações. É preciso voltar aos livros e cadernos, é importante aprender a ler e a escrever. E também a professora tem prazos para alfabetizar as crianças.

Mas, paralelamente, as crianças tem seu ritmo, interesse, curiosidade... e estes, geralmente, não são aproveitados pela professora.

O mundo está lá fora. As perguntas devem ser deixadas para depois. Então, o que é que realimentará o interesse e a vontade das crianças durante os primeiros anos escolares? O que é que reacende a vontade de aprender nessas crianças?

Com a prática e observação pode-se afirmar que as crianças "se amarram" quando a professora interrompe a aula para contar, ler uma história, mas esta é uma atividade que dificilmente é vista como fundamental no processo de aprendizagem.

Se as crianças ouvissem a professora falar mais sobre as suas (crianças) curiosidades, não aprenderiam mais facilmente a escrever? Afinal, não é também ouvindo e falando que a criança aprende a comunicar-se, a exprimir-se e a escrever?

Apesar de estarmos às portas do séc. XXI, apesar de bombardeio das imagens do vídeo, vídeo game; a fantasia, a poesia e o espírito de aventura ainda impressionam as crianças.

Qual a criança que não vibra espontaneamente com a poesia "A Arca de Noé", do Vinícius de Moraes? Qual não se identifica com o "Menino Maluquinho", do Ziraldo?

1.2. Por que as crianças vão para a escola?

Com o objetivo de vencer as resistências apresentadas na vida escolar, os adultos vêm forjando exortações para motivar as novas gerações ao estudo.

Quantos de nós, quando crianças, já não ouvimos: "*Se você não estudar, vai virar burro!*"

Reportamo-nos à história do Pinóquio e sua passagem pela "Terra de Bengodi", onde as crianças jogaram os livros fora, faziam o que queriam, mas aos poucos iam ficando parecidos com burros. Esta menção leva-nos à reflexão sobre um conceito de racionalidade onde o homem, que é racional, deve afastar-se da animalidade inculcando saber e cultura.

Houve um tempo, não muito distante, que isto parecia estar correto: aqueles que tinham tido oportunidade de estudar conseguiam exercer as melhores profissões; os trabalhos pesados eram próprios das classes trabalhadoras. Dessa forma, a escola tornou-se bode expiatório da divisão social.¹⁴¹ *"Estuda, senão você vai virar lixeiro"*.

Desta vez, a escola é apontada como caminho para entrar no mercado de trabalho e para ocupar profissões mais especializadas e, por isso, com maior remuneração.

Hoje, nenhum diploma serve como garantia de emprego e estabilidade. E a escola está sendo vista como um caminho para se evitar a malandragem, por isso, o que hoje mais ouvimos é: *"Estuda, senão vai ficar que nem estes pivetes"*.

Esta exortação deve fazer as crianças se perguntarem durante todo o tempo: *"Para que serve mesmo a escola?"*

Estas crianças vêem seus pais, professores lutarem tanto, trabalharem arduamente e nunca conseguem trazer para casa aquilo que é essencial. Já os bandidos, das comunidades próximas a esses alunos, usam carros importados, telefone celular, pagam remédios e outros benefícios aos moradores da localidade, sem comentar o poder que exercem dentro dessas comunidades (não vou entrar na questão ética, na moral, é apenas um apanhado de informações das quais meus alunos já utilizaram comigo, para que argumentando, pudessem justificar um possível abandono da escola).

As crianças percebem que a escola apresenta promessas que ela não pode cumprir. Apesar de confuso, nesta sociedade, a escola é o único

caminho para aprender e saber, e que encaminha para o trabalho aqueles que a freqüentam.

Capítulo II

A ESCOLA E O TRABALHO

Qual é a relação entre a escola e a inserção no mundo do trabalho, nesta sociedade onde a produção e os serviços são todos organizados segundo a lógica do capital?

A escola é vista como a única instituição que, em nossa sociedade, tem a função de preparar todas as crianças para a vida adulta? E o que ela tem a ver com esse estranho mercado de trabalho? Sem dúvida, possuir algumas noções de leitura, escrita e dos números facilita o trabalhador a se orientar e decodificar sejam os aspectos burocráticos, sejam algumas indicações técnicas relativas a sua função.

Em todas as turmas que eu já tive, sempre havia vários alunos que já estavam trabalhando.

Eram carregadores em feiras livres, guardadores de carro, vendedores ambulantes, empregadas domésticas, tentavam conciliar estudo e trabalho.

Quantas vezes já me assustei encontrando alunos sonolentos e cansados, depois percebi que eles eram recrutados por uma gráfica vizinha à escola que absorvia a mão-de-obra desses pequenos trabalhadores, sem carteira assinada, é claro.

Em poucos dias lá, eles aprendem a cortar, empilhar, empacotar, e especialmente no final de ano, depois da carga maior de serviço, um ou outro é efetivado nesta firma. Então a escola é abandonada em caráter permanente.

Alguns alunos "evadidos" dizem:

"O trabalho, a gente aprende no próprio trabalho. Esse negócio de diploma, na prática, não adianta de nada".

De fato, o que se aprende na escola pouco ou nada tem a ver com o trabalho e, na maioria dos casos, a posse dos conhecimentos escolares só serve para justificar uma hierarquização de postos ou funções.

Atualmente, os professores e políticos voltam a defender o ensino profissionalizante público em nível de primeiro grau.

A escola como tal, unidade escolar formada pelas pessoas que nela trabalham, não parece demonstrar o mínimo interesse pela questão do trabalho ou da produção.

A escola desconhece, ou não sabe como utilizar em sua rotina diária, os instrumentos que são básicos para a produção de objetos usados por aquela comunidade. As únicas máquinas com a qual a escola tem alguma intimidade são as máquinas de escrever e o computador (quando o possuem).

E, como não poderia deixar de ser, incorporou a separação milenar em nossa sociedade, entre o trabalho manual e o intelectual.

"Esses alunos, são grandes e não querem nada com estudo, deviam ser encaminhados para um curso de mecânica. Aí eles iriam dar certo".

Quantas vezes estas afirmações já foram ditas e ouvidas? Há um certo desprezo pelo trabalho produtivo. Os que não dão conta dos estudos devem, segundo eles, serem encaminhados aos trabalhos manuais.

Há um posicionamento geral bem definido a respeito do seu papel: ela é a instituição encarregada da "formação intelectual" das gerações. O papel da escola na formação intelectual é tão importante que não há lugar para a preocupação com as práticas cotidianas.

Por exemplo, ao discorrer na disciplina Ciências, poder-se-ia desenvolver a criação de pequenos animais, galinhas, coelhos, codornas e pequenas hortas. Os próprios alunos seriam os primeiros a providenciar materiais para isso.

Mas, qual o professor que poderia lidar com bichos, terras, esterco?

As práticas devem ser deixadas para outros segmentos; para os intelectuais, os trabalhos manuais são apenas *hobby*.

Até os alunos considerados mais problemáticos no dia-a-dia da escola, nestas ocasiões são os mais ativos e os que revelam toda a sua iniciativa. São eles, muitas vezes, que se encarregam de providenciar materiais e conhecem na comunidade quem pode ajudar.

A escola não está interessada em recuperar os conhecimentos que estão embutidos nas práticas produtivas — que os futuros operários aprendam a operar as máquinas —, o que interessa é o adestramento na profissão, os porquês não interessam, pois cabe à burguesia (os empresários), a administração desses conhecimentos.

“... o trabalhador animava-a (a ferramenta) com a sua arte e habilidade própria, pois o manejo do instrumento dependia de sua virtuosidade. Em compensação, a máquina, que possui habilidade e força em vez do operário, é a partir de agora a própria virtuosa, pois as leis da mecânica que nela atuam dotaram-na de uma alma”.

(Marx, Karl, p.38) ^[6]

CAPÍTULO III

UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA ESCOLAR

De todos estes capítulos percorridos, chegar a constatação de que a maioria das crianças não gosta da escola e que medidas simples podem possibilitar o sucesso de mais alunos na vida escolar, não chega a ser, propriamente, uma grande descoberta.

Os alunos, dizem isto todos os dias, só é preciso que os queira escutar, sensibilizar-se.

Ao mesmo tempo constata-se que as crianças demonstram uma enorme vontade de saber, de conhecer, de entender o que se passa em volta, no mundo dos homens e da natureza.

— “O que é isso ?” Não se cansam as crianças de perguntar com o dedo apontado para qualquer coisa nova com a qual se deparam...

— “Por que isso acontece? ” — Para que serve?... “É o que perguntam, já próximas ao objeto pelo qual se sentem atraídas, sempre dispostas a experimentar tudo que se lhes apresenta. Querem entender não só pelas palavras mas também pelas sensações, sentidos e sentimentos.

Por que essa vontade se apaga na escola?

Esse “fenômeno” se inicia nos primeiros anos da escola. Assim se refere a respeito H.M. Patto:

“À medida que transcorrem os anos de sua formação acadêmica, percebemos uma perda progressiva da engenhosidade e da originalidade, uma maior banalidade

na comunicação, uma intensificação do medo do ridículo...^[7]

No esforço realizado até aqui de aprofundar esta questão, busquei levantar os principais fatos vivenciados em minha experiência de magistério na Escola Pública. É quase desnecessário dizer que, além de ter usado os olhos, os ouvidos e o coração, esse levantamento foi feito também com a "cabeça", isto é, a partir das leituras que fiz, debates dos quais tenho participado, das inúmeras e prolongadas conversas com as colegas de trabalho.

Nenhuma dúvida de que a luta de classes — um dos motores da história do mundo ocidental nos últimos séculos — encontra-se na base da estruturação da escola.

"Isso pode oferecer uma explicação sobre a maneira como ela se encontra implantada, ou sobre o modo como é utilizada pelas classes dominantes conforme os diversos momentos e conjunturas históricas..."

(Marx, K.)^[4]

Nenhuma dúvida de que as análises a respeito das variadas formas de inculcação ideológica sejam um importante instrumento para que se desvelem e se denunciem todos os meandros das propostas didáticas apresentadas como sendo apenas um conjunto de "ingênuas" técnicas de ensino... (P. Bourdieu, J.C. Passeron, e outros).

Além das questões acima, também aquelas colocadas em pauta nos debates atuais sobre democratização da Escola, ampliação do sistema escolar, a melhoria da qualidade no ensino público... todas essas contribuições

têm sido vividas e contadas como experiências, sejam como contrapontos ou referências.

- **Raciocínio e Pensamento**

Frente ao fracasso geral dos alunos nas provas do vestibular, alguns professores, concluíram em entrevista na televisão:

“ — O Resultado das provas demonstrou uma total falta de raciocínio por parte dos alunos. A escola não está ensinando a raciocinar.”

Com esta afirmação os professores afirmavam com clareza e simplicidade a função que esperam seja cumprida pela escola.

Pensar, raciocinar é, muitas vezes, substituído pela palavra “achar”, o que deixa transparecer uma conotação de algo impreciso. Nas escolas, o saber não tem que ser discutido; o que se pode, no máximo, é escolher a melhor forma de administrá-lo ou de divulgá-lo. Todo o saber já se encontrar estabelecido.

No ensino, a razão não precisa mais ser usada para descobrir o novo e nem se vê como necessário o refazer o caminho que levou à formulação de conceitos. É suficiente conhecê-los e aplicá-los.

Nossas crianças se sentem invadidas e esmagadas pela absolutização e pelo volume de conhecimentos que devem ser aprendidos. Elas têm clareza de que nunca chegarão a dominar todos os conteúdos que a Escola ensina. E mais: para serem “aprovados”, nossos alunos devem se mostrar

capazes de explicitar, segundo moldes prefixados. Não há espaço para intuições, para opções.

*"Não há espaço para a experimentação, o repensamento e a criação em conjunto".
(pág 31)^[10]*

O esquecimento do que é pensar resultou no desprezo característico das escolas em relação à fantasia, à intuição; produziu o esquecimento que o intelecto trabalha também com todo o corpo.

Com isso, a Escola acaba por reforçar o trabalho de esterilização da criatividade que é iniciado pela própria vida nos centros urbanos, shoppings e imagens de TV.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Se tudo que foi lido, ouvido e debatido me ajudou a entender melhor ou a me localizar melhor em relação a vários aspectos da instituição escolar, muitos campos ainda se encontram em aberto e muito existe a ser indagado.

O que é que querem nos dizer os alunos quando não gostam de obedecer às normas da escola? Quando resistem a assimilar os conteúdos? Quando abandonam a escola? Não será que eles estão querendo nos dizer:

“Nós não queremos que a escola anule nossa individualidade. Nós não queremos perder nossa autonomia de pensar?”

Não será também que o que eles nos apresentam é uma resistência as formas mais sutis da dominação? (Rubem Alves)^[8]

Frases como esta:

“O desenvolvimento humano, em todos os campos, deve mais à imaginação do que à inteligência”. (Einstein)

Esta frase pode parecer política e constar em murais de escola — de onde eu colhi esta —, mas não tem nenhuma relação com a prática e a realidade escolar.

Este trabalho de pensar se reinicia em cada criança, desde o momento em que ela estabelece uma diferenciação entre o “eu” e o “mundo” e

que, por isso mesmo, ela poderá trabalhar também na instituição de um novo mundo. Pensando e fazendo a práxis da autonomia.

Deveríamos começar a analisar se é isso mesmo que nós estamos querendo fazer como professores, e se isso que estamos fazendo enriquece a nós mesmos e aos outros com quem convivemos e trabalhamos. Deveríamos esclarecer se, nesse nosso fazer, estamos apenas repetindo o que incorporamos ou se estamos assumindo nosso próprio discurso, se é o "meu discurso" o que estou tentando viver.

Por que o professor Antônio Leal, rompendo o cerco, conseguiu que seus alunos se interessassem pela escrita e leitura, depois de três ou quatro anos de escola sem elas darem um avanço na aprendizagem? Ele mesmo nos diz:

"A grande aventura de ser alfabetizador, descobridor de escritas, garimpeiro de palavras, me fascinava". (pág 3)¹⁹¹

Ao se tentar romper com a prática estabelecida não é necessário — e nem seria possível — ter uma evidência e clareza absolutas que se traduzissem na certeza daquilo que se quer e se julga necessário fazer.

Certamente, é o bastante que se comece por aquilo mesmo que se está vivendo. Deveríamos começar a analisar se é isso mesmo o que estamos querendo fazer como professores, e se isso que estamos fazendo nos enriquece a nós mesmos e aos outros com quem convivemos e trabalhamos. Deveríamos esclarecer se nesse nosso fazer estamos apenas repetindo o que incorporamos em nós desse mundo instituído ou se estamos assumindo o nosso próprio discurso, se é o "meu discurso" o que estou tentando viver.

Parece-me claro que qualquer mudança na vida escolar vai depender fundamentalmente de nós professores, de nossa relação com o saber, com os alunos e com a sociedade. A Escola da Ciência e da Razão nos deu vários conhecimentos mas, talvez, nos inibiu muitas possibilidades. No fundo, sentimo-nos aprisionados pelos conhecimentos. Nós nos percebemos, muitas vezes, sem condições de discuti-lo, reinventá-los. Acostumamos a repeti-los.

Sentimo-nos prisioneiros e aprisionamos os outros. Por estarmos fechados numa única via de acesso aos conhecimentos, não conseguimos perceber que nossos alunos são seres capazes de pensar, descobrir. Por que não tentar abrir novos caminhos?

“Não há nenhum sentido em interessar-me por uma criança, um doente, um grupo ou uma sociedade, se não vemos nele, primeiro e antes de mais nada, a vida, a capacidade de ser fundada sobre si mesma, a autoprodução e a auto-organização”.

(Castoriadis, p. 111) ^[3]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] SHÜHLY, Gunther Franz. **Motivação e Desenvolvimento**. São Paulo, Edições Loyola, 1995.
- [2] GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica — Cartografia do Desejo**. Petrópolis, Vozes, 1986.
- [3] CASTORIADIS, C. **Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio, Paz e Terra, 1986.
- [4] In: DANGEVILLE, R. **Crítica da Educação e do Ensino, Karl Marx e Friedrich Engels**. Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- [5] CHAUÍ, M. **O que é ser educador hoje**. Rio, Graal, 7ª Ed.
- [6] MARX, K. **Grundisse, em Conseqüências Sociais do Avanço Tecnológico**. São Paulo, Edições Populares, 1980.
- [7] PATTO, H.M. **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo, Queiróz, 1982.
- [8] ALVES, Rubens. **Conversas com Quem Gosta de Ensinar**. São Paulo, Cortez Editora, 8ª Ed., 1984 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, nº 1).
- [9] LEAL, Antônio. **Fala Maria Favela: Uma Experiência Criativa de Alfabetização**. Rio, Edição do Autor, 1982.
- [10] OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis, Vozes, 5ª Ed., 1986.